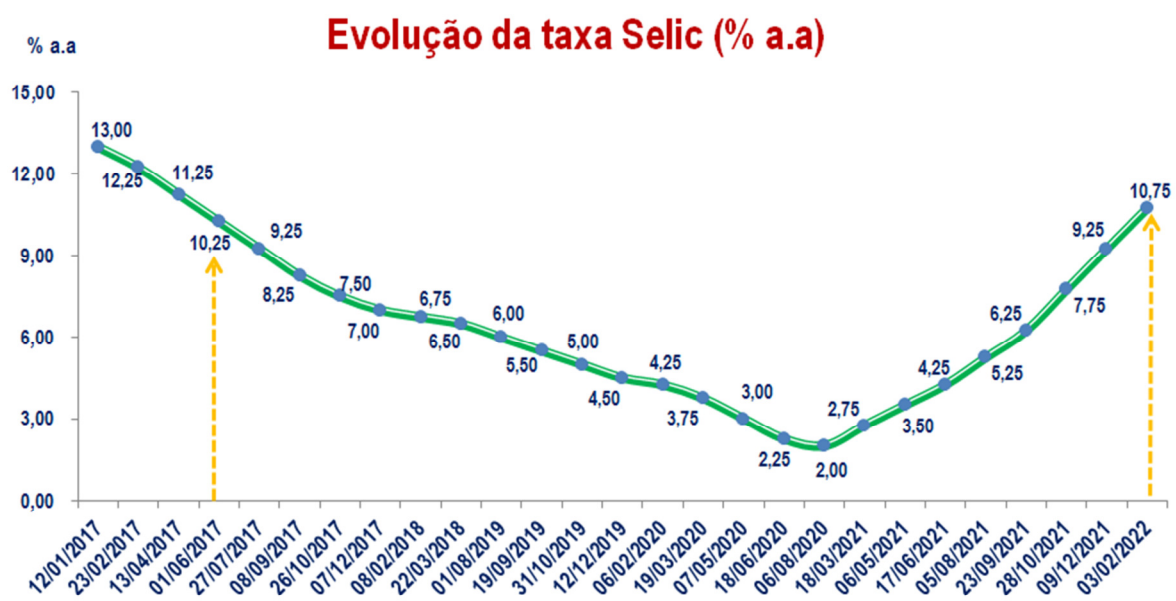


Copom mantém o ritmo do aperto monetário e aumenta Selic para 10,75%

Em sua primeira reunião do ano 2022, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, manteve o ritmo do aperto monetário e aumentou a Selic em 1,5 ponto percentual. Assim, a referida taxa passou de 9,25% a.a. para 10,75% a.a.. Foi a oitava elevação consecutiva (a terceira de 1,5 ponto percentual) e a primeira vez, desde julho/17, que o juro básico da economia superou dois dígitos. Portanto, depois de quatro anos, o País passa a conviver com juros superiores a 10% a.a.. Vale lembrar que de março/21, até agora, a taxa básica já aumentou 8,75 pontos percentuais.

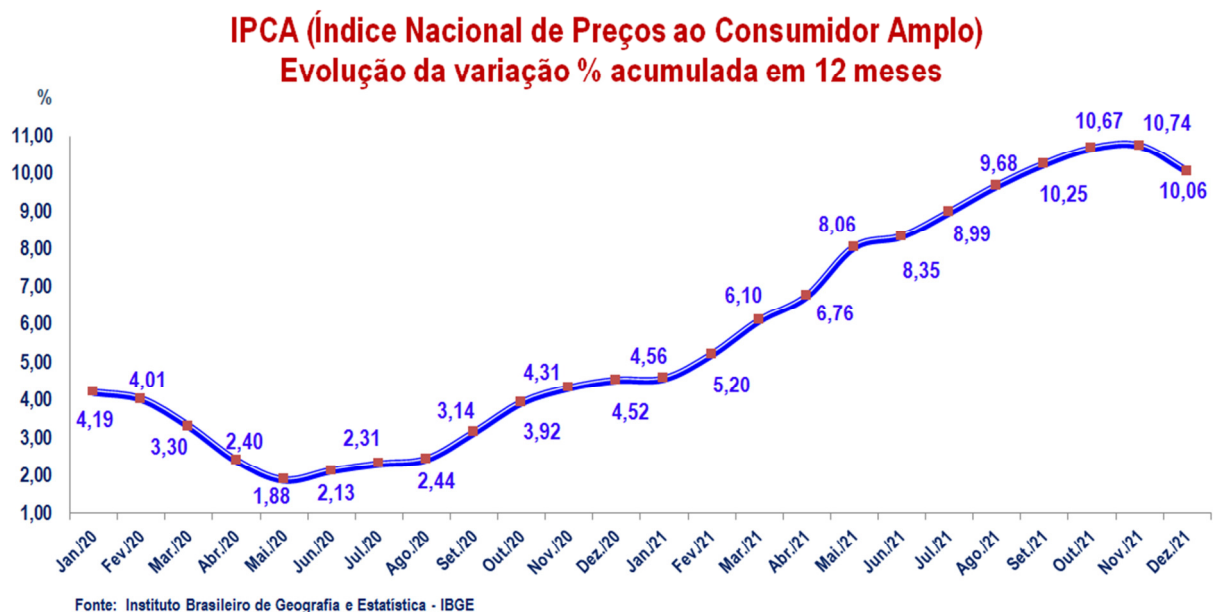


Fonte: Banco Central do Brasil.

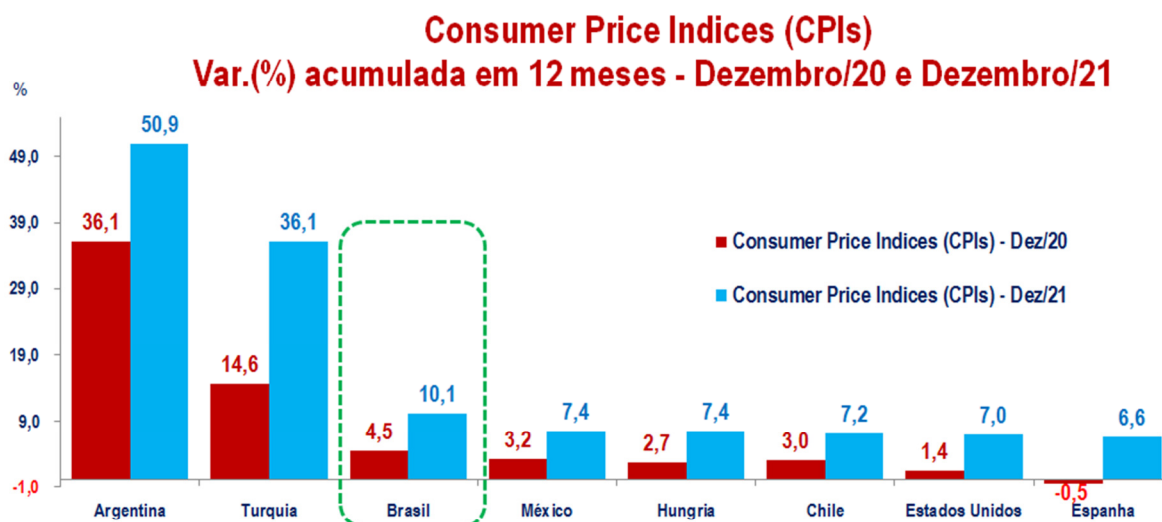
Conforme a estimativa da Pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central, a Selic deverá encerrar 2022 em 11,75%. Nesse cenário, o ciclo de altas já estaria perto do final e já com potencial elevado de reduzir o ritmo da atividade econômica. Entretanto, alguns analistas avaliam que o vigor dos preços das commodities, as expectativas para a inflação nesse ano, o cenário de incertezas característico de períodos eleitorais e o ambiente externo desafiador (como a mudança da política monetária na economia americana) proporcionam mais incertezas em relação ao rumo dos juros no Brasil. Por isso, existem estimativas que sinalizam Selic superior a 12% a.a. Portanto, o cenário para 2022 é de juros elevados, o que torna o ambiente econômico ainda mais instável.

O atual ciclo de alta da Selic está sendo justificado, pelo Copom, e também por diversos analistas que defendem a continuidade do aperto monetário, pela inflação elevada. De fato, em

2021, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que é o indicador da meta de inflação no País, e que é calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aumentou 10,06%. Este resultado foi muito superior ao teto da meta prevista para o ano (5,25%) e o maior desde 2015 (10,67%). Neste contexto, é preciso considerar os diversos fatores que contribuíram para essa alta expressiva. Entre eles destacam-se: a elevação dos preços das commodities, a desvalorização cambial, o aumento dos preços dos combustíveis e a crise energética. Assim, parcela representativa do aumento dos preços se deu pelo lado da oferta e não pelo crescimento expressivo da demanda. Por isso, muito se questiona sobre a eficácia dos fortes aumentos taxa básica nos últimos 12 meses e do seu atual patamar.

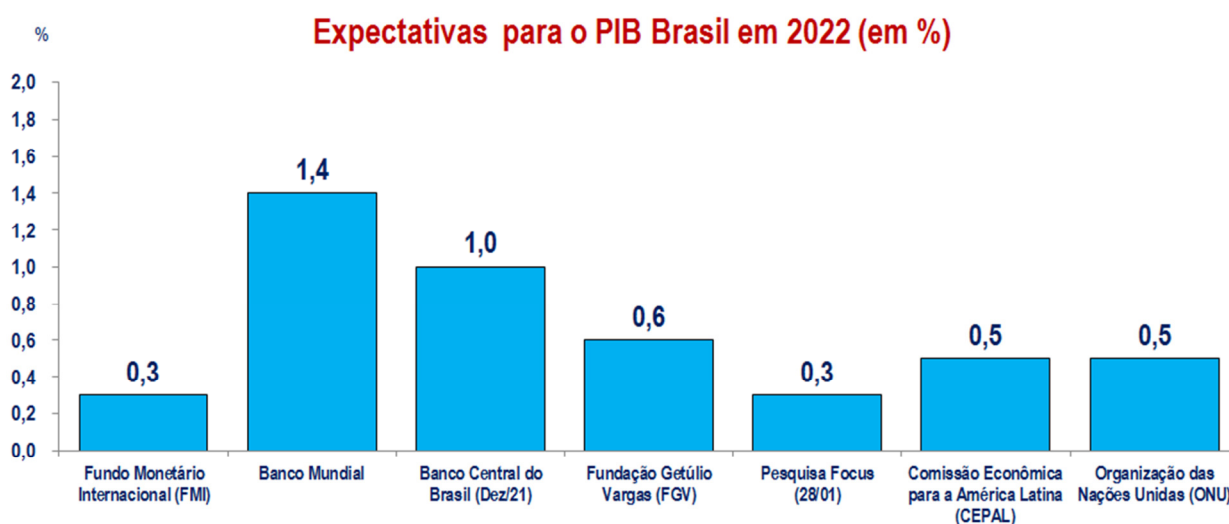


Vale lembrar que a inflação foi um problema em diversas outras economias no ano passado. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Índice de Preços ao Consumidor aumentou 7,0% em 2021, e alcançou o seu maior nível desde 1982, ou seja, das últimas quatro décadas. Já a inflação no México fechou o ano passado com o seu maior nível desde 2000: 7,4%. Problemas de abastecimento, aumentos de preços de alimentos e de energia são alguns dos fatores que ajudaram o País a alcançar esse resultado. O Chile, por sua vez, finalizou 2021 com elevação de 7,2% em sua inflação, a maior dos últimos 14 anos. O aumento nos preços dos insumos em todo o mundo também ajuda a explicar o resultado chileno.



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

É preciso considerar que a elevação dos juros prejudica o avanço da economia e, conseqüentemente, o desempenho do mercado de trabalho. As perspectivas para o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) em 2022 estão apresentando sistemáticas reduções. A Pesquisa Focus estima expansão de 0,30%. A maioria das expectativas sinaliza crescimento modesto do Brasil e certamente o forte incremento dos juros contribui para isso.



Fonte: FMI, Banco Mundial, Cepal, Banco Central, FGV, ONU.

Obs.: Projeções realizadas em janeiro/22, exceto Banco Central (dezembro/21).

É certo que os juros altos provocam um efeito nocivo para economia e prejudicam, especialmente, o desempenho do setor produtivo, com impacto direto no dinamismo do mercado de trabalho. Num momento onde o País ainda possui mais de 12 milhões de desempregados, juros na casa de dois dígitos contribuem sistematicamente para que esse cenário seja agravado.

As projeções do FMI indicam que o crescimento mundial deverá desacelerar de 5,9% em 2021 para 4,4% em 2022. E a força da transmissão da variante ômicron do coronavírus, assim como a administração da inflação que surgiu forte no ano passado e a redução dos estímulos direcionados durante a pandemia são alguns exemplos de reveses a serem enfrentados pela economia global.

Diante do exposto, o Brasil certamente terá um ano desafiador. Isso porque se de um lado têm-se o avanço do processo de vacinação e a expectativa de um controle maior da pandemia nos próximos meses (mesmo sem considerar o fim da Covid-19 e o surgimento de novas cepas), por outro lado têm-se o cenário externo menos favorável. Neste contexto, é preciso destacar o menor crescimento da economia chinesa. De acordo com as projeções do FMI, a China cresceu 8,1% em 2021 e deverá crescer 4,8% em 2022. Além disso, a mudança no rumo da política monetária americana, e o cenário doméstico com desemprego elevado, incertezas fiscais, e as incertezas próprias de ano eleitoral são fatores que contribuem para o menor dinamismo das suas atividades. Neste cenário, os juros elevados deprimem ainda mais a economia e contribuem para aumentar a preocupação dos setores produtivos.

Elaboração: Economista Ieda Vasconcelos